

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | n° 336 | vol. 20 | 2022

**Grupo Emaús.
48 anos de resistência e fé libertadora**

Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia - (org.)

Volume II

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 336 | vol. 20 | 2022

GRUPO EMAÚS
48 anos de resistência e fé
libertadora

**Organizadores: Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro
e Tereza Pompeia**

VOLUME II



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 336 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: PxHere

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

APRESENTAÇÃO

Este segundo volume do Grupo Emaús nos Cadernos IHU Ideias que apresentamos compartilha memórias afetivas e caras, relatadas por pessoas que ajudaram a concretizar a caminhada do grupo de Emaús. Mais que um registro histórico, conseguem expressar juntas a riqueza de uma jornada fecunda e inspiradora, forjada no amálgama da resistência, da profecia e da fé libertadora.

O grupo de Emaús teve início no ano de 1974, quando Frei Betto, Frei Fernando de Brito e Ivo Lesbaupin - que acabavam de sair da prisão - decidiram formar um grupo capaz de *“articular a reflexão teológica com o método marxista de análise da realidade”*, nas palavras de Frei Betto. Isso porque, sem uma análise crítica da injusta situação da América Latina, a fé cristã não se faz boa nova para os pobres e sofredores, perde sua capacidade de fermentar a transformação das estruturas injustas da sociedade e tende a deixar atrofiar a intrínseca dimensão libertadora do Reino de Deus. Convidaram então Carlos Mesters, Leonardo Boff, e João Batista Libanio para uma primeira reunião, que se realizou no Convento Madre Regina, em Petrópolis, e da qual participaram também, por uma única vez, Frei Eliseu Lopes e Frei Mateus Rocha.

Em uma época de violenta repressão, em plena ditadura, era importante que tal objetivo não ficasse ex-

plícito; mantinha-se um certo sigilo e o motivo oficial da reunião seria escrever artigos de catequese para a Revista Vozes... “O grupo não tinha nome, nem devia ter. Alguns o chamavam de ‘grupo zero’, que não existia”, relata Carlos Mesters.

À reunião inicial seguiu-se uma segunda, no mesmo local; e já então se uniram ao grupo Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira, Orestes Stragliotto e Antonio Cecchin, assim como Paulo Ayres e Jether Ramalho, garantindo a dimensão ecumênica. A partir de então, as reuniões passaram a se realizar duas vezes por ano. Outras pessoas foram sendo convidadas e se agregaram ao grupo; aos teólogos e pastoralistas – como José Oscar Beozzo, Marcelo Barros, Clodovis Boff, Manfredo de Oliveira, Benedito Ferraro, Faustino Teixeira – vieram somar-se cientistas sociais como Luiz Alberto Gomez de Souza e Luiz Eduardo Wanderley.

No início eram só homens, na sua maioria presbíteros e religiosos. Mas em 1976 (ou 1977?) entrou a primeira mulher, Maria José Rosado Nunes – a Zeca, como é conhecida. A ela se seguiram várias outras: Maria Clara Bingemer, Lucília Ramalho, Maria Helena Arrochellas, Lucia Ribeiro, Tereza Cavalcanti, Márcia Miranda, Mariangela Belfiore, Maria Teresa Bustamante.

Algumas vieram sós, outras vieram junto com seus companheiros: no caso dos casais, o grupo se abre também para receber os cônjuges. Assim, teólogas mulheres trouxeram os maridos: Ekke Bingemer e Teófilo Cavalcanti. Cientistas sociais e teólogos leigos vieram trazendo as mulheres. Algumas se integraram realmente, como membros do grupo, outras não.

Ao mesmo tempo, foram convidados e se integra-

ram ao grupo outros evangélicos, como Milton e Rosileny Schwantes, Julio e Violaine de Santa Ana, e, mais recentemente, Edson Fernando, Claudio de Oliveira Ribeiro, Magali Cunha e Romi Bencke, garantindo maior abertura e concretização da dimensão ecumênica.

Na primeira etapa, havia uma grande coesão de pensamento e um certo consenso ideológico no grupo, embora, desde o início a diversidade de opiniões fosse respeitada. Entretanto, no início dos anos 90, o contexto social mudou: a crise do socialismo real e a derrota sandinista na Nicarágua, por um lado, e, por outro, um contexto eclesial mais fechado - “*a volta à grande disciplina*”, expressão consagrada na análise teológica de Libanio, ou a chegada do “*inverno na Igreja*”, nas palavras de Maria Clara, levaram a uma certa crise dos setores de esquerda, que se refletiu no grupo. Em 1993, em uma reunião em Juiz de Fora, por ocasião dos 50 anos de Pedro Ribeiro de Oliveira, este chegou a sugerir que o grupo terminasse, e vários o apoiaram. Outros, porém, reagiram, temendo perder um espaço precioso de reflexão, de troca de experiências e de convívio fraterno e lutaram pela sua “*refundação*”. Um ano depois, na reunião em Goiás-Go, celebrando o aniversário de Marcelo Barros, o grupo renascia, agora com o novo nome de “*Grupo de Emaús*”.

Desde então, a diversificação e a pluralidade se intensificaram, alimentando a reflexão e a troca de ideias e de experiências. Novas pessoas vieram se integrando, ao longo do tempo: Afonso Murad, Edward Guimarães, Alessandro Molon, Sinivaldo Tavares, Luiz Carlos Susin, Francisco Aquino Junior, Tereza Sartorio, Rosemary Costa, Celso Carias, Fernando Altemeyer,

Leu Cruz, Sarah Telles e recentemente Cesar Kuzma, Chico Alencar, Chico Pinheiro, Lusmarina Garcia e Maurício Abdala.

Houve também pessoas que participaram apenas de 1 ou 2 reuniões, mas não chegaram a fazer parte do grupo, como Ivone Gebara, Zwinglio Dias, Rubem Alves e Frei Claudio von Ballen. Finalmente, alguns vieram como convidados, uma única vez: Herbet de Souza (Betinho), Boaventura de Souza Santos, Michael Löwy, Luiz Dulci, Gilberto Carvalho.

Para Leonardo Boff, o grupo *“é uma comunidade de destino, onde prática, reflexão e oração estão ligadas”*. O grupo não tem nenhuma relação oficial com qualquer instituição eclesial e não tem pretensão de poder nem na Igreja nem na política. *“É um grupo de serviço à Igreja da Libertação”*, define Pedro Ribeiro.

Ao longo dos anos, o grupo produziu frutos consistentes: assessorias às Comunidades Eclesiais de Base e a seus encontros nacionais, denominados intereclesiais; curso anual de atualização teológica para bispos da América Latina; criação do Movimento Fé e Política, do CESEEP (Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação Popular), e do CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos), do Curso de Verão (em várias capitais, destinados a militantes de pastorais sociais, grupos de base e movimentos populares). O grupo incentivou também a edição da coleção *“Teologia da Libertação”*, pela editora Vozes, e alguns de seus membros deram assessoria às Campanhas da Fraternidade, promovidas anualmente pela CNBB e, algumas vezes, com o CONIC, assim como à realização dos Encontros de Espiritualidade para Jovens. O grupo mantém ainda um projeto de publicações de cartilhas:

o primeiro número, sobre “Ideologia de gênero”, elaborado por Frei Betto, foi publicado em 2018.

O grupo alimenta uma reflexão coletiva, que se reflete nas diversas atividades de seus membros: assessorias, palestras, publicações, participação em outras organizações, como CEHILA, Teologia Feminista, ou o antigo grupo de Mulher e Teologia (ISER). Tem também um impacto nas igrejas cristãs. “*Nas nossas andanças teológicas, o grupo Emaús está sempre presente, como referência, como apoio, como lugar de pertença*”, afirma Maria Clara.

Além do cultivo da amizade e da cumplicidade, a dinâmica consagrada pelo grupo se concretiza através de reuniões que se realizam duas vezes por ano, em um fim de semana. O programa inclui troca de experiências – que chamamos “Cosa Nostra” – uma análise da conjuntura social e eclesial, um tema de estudo – cujo conteúdo varia muito – e, no domingo, a Celebração Eucarística, cuidadosamente preparada, em um clima de muita liberdade e participação de todos e todas. Além das refeições compartilhadas, há também tempo dedicado ao lazer e à convivência fratersororal.

No início o grupo se reunia em Petrópolis, mas algumas vezes se reuniu em outros lugares (São Paulo, Juiz de Fora, Goiás); ultimamente se divide entre Cordeiras (Casa Santo Inácio) e o convento Madre Regina, em Petrópolis.

Finalmente, não podemos esquecer os que partiram definitivamente: “*O Grupo de Emaús tem parte na comunhão dos santos. Alguns atravessaram a tênue fímbria que separa o tempo da eternidade*” lembra Leonardo. Assim, Orestes Stragliotto, Milton Schwantes, João Batis-

ta Libanio, Antônio Cecchin, Lucília Ramalho, Olinto Pegoraro, Fernando de Brito e Luiz Alberto Gómez de Souza continuam, de forma misteriosa, mas muito real, presentes entre nós.

Apresentamos, a seguir, os testemunhos de alguns dos participantes do Grupo de Emaús. Estes possibilitam conhecer, através de perspectivas pessoais, a riqueza coletiva de uma caminhada que já ultrapassou o marco dos 40 anos de fé e coragem, resistência e luta, esperança e amizade fraterna.

Cada relato recupera uma memória própria, e, ao mesmo tempo, traduz as experiências e os questionamentos pessoais e coletivos. Neste sentido, pode-se dizer que as memórias do grupo Emaús são grávidas de vida e profecia. Desejamos que elas mobilizem e interpelem os leitores e as leitoras para a participação comprometida na construção diária de “*outra sociedade possível*” e, ao mesmo tempo, de “*outra Igreja possível*”.

Neste segundo volume você encontrará os relatos da memória de:

1. Marcelo Barros
2. Olingo Pegoraro
3. Lúcia Ribeiro
4. Benedito Ferraro
5. Maria Clara Bingemer
6. Tereza Pompeia Cavalcanti

Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia

(Organizadores)

MEMBROS

Frei Betto, Ivo Lesbaupin, Leonardo Boff, João Batista Libanio (in memorian), Frei Carlos Mesters, Jether Ramanho (in memorian), Pedro Ribeiro de Oliveira, Marcelo Barros, Luiz Alberto Gómez de Souza (in memorian), Lúcia Ribeiro, Orestes Stragliotto (in memorian), Antônio Cecchin (in memorian), Maria Clara Bingemer, José Oscar Beozzo, Milton Schwantes (in memorian), Luiz Eduardo Wanderley, Mariangela Belfiore, Julio de Santa Ana, Violaine de Santa Ana, Olinto Pegoraro (in memorian), Ekke Bingemer, Benedito Ferraro, Faustino Teixeira, Claudio Ribeiro, Magali Cunha, Manfredo de Oliveira, Tereza Cavalcanti, Theófilo Cavalcanti, Maria Helena Arrochellas, Márcia Miranda, Fernando Altemayer, Afonso Murad, Edward Guimarães, Andréa Guimarães, Edson Fernando, Alessandro Molon, Celso Carias, Aurelina Cruz (Leu), Tereza Sartorio, Rosemary Fernandes, Rose Schwantes, Maria Teresa Bustamante, Sinivaldo Tavares, Francisco Aquino Júnior, Luiz Carlos Susin, Chico Alencar, Sarah Telles, Romi Bencke, Cesar Kuzma, Chico Pinheiro, Lusmarina Garcia, Maurício Abdala, dentre outros.

Emaús, onde o espiritual e o político se casam

Marcelo Barros

Teólogo e coordenador latino-americano da Comissão Teológica da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo -ASETT

O grupo de Emaús completa 40 anos. Dele participo assiduamente desde 1984. A primeira vez que ouvi falar do grupo de teólogos, pastoralistas e cientistas sociais que se encontravam em Petrópolis (na casa da Madre Regina) foi em 1977, quando, junto com os outros dois monges (Filipe e Pedro) vindos de Curitiba, chegamos à diocese de Goiás. Através de Ivo Poletto (na CPT) e de Eliseu Lopes (na Cidade de Goiás) fiquei sabendo que o grupo juntava os teólogos mais engajados e os militantes mais experimentados na luta e inclusive na arte de casar fé, análise marxista e política. Na época, começava a atuar no secretariado nacional da CPT e me sentia muito cru e despreparado. Apesar de ter função que me fazia viajar por todo o

Brasil e precisar dessa assessoria, não podia me imaginar em um grupo como esse.

Depois disso, só voltei a saber do grupo quando, em 1984, através de um contato do Betto, recebi convite para participar dele. Penso que, naquele momento, a decisão grupal foi de ampliar a participação de pessoas de outras regiões além do Sudeste e Sul, como também enriquecer a participação feminina, além das irmãs e companheiras que já participavam. Entrei na mesma época de Milton Schwantes, Manfredo, Maria Clara e Tereza Cavalcante.

Na época, minha experiência de grupos e encontros com teólogos/as era na CRB e em outros ambientes religiosos e ecumênicos. Mas, nesse novo grupo (que na época ainda não tinha nome) a primeira coisa que me impressionou foi a mística do construir juntos o diálogo, na aceitação da diversidade e em grande atenção à sociedade e às Igrejas cristãs. Durante os mais de 30 anos dos quais participo do grupo, nunca vi um único impasse ou conflito por causa de opiniões. Nunca percebi alguém querendo impor sua própria visão das coisas. E isso é assim, mesmo se sempre há diversidades, tanto na forma de compreender a realidade social e política, como mesmo na interpretação da teologia e da pastoral ou dos encaminhamentos concretos a serem percorridos.

Nesse grupo, aprendi a conviver com a “*diversidade reconciliada*” entre homens e mulheres (mesmo se essas, em grande parte do tempo, ainda eram minoria), entre religiosos e leigos/as, entre pessoas mais mergulhadas no universo eclesial e outras mais dentro do mundo secular, entre crentes de cultura católico-romana e outros de Igrejas evangélicas diversas (também minoria).

Concretamente, foi a minha primeira experiência de uma comunidade de irmãos e irmãs que, sem ser propriamente grupo de convivência (pessoas que moram juntas) se constitui como comunidade de aliança e solidariedade no caminho da fé e da inserção social. Pelo que me lembro, nunca tomamos o ecumenismo propriamente dito como assunto de estudo, mas em todos os encontros, sempre é dimensão não somente respeitada, como carinhosamente alimentada.

Em certos ambientes de Pastoral Social, é comum o fato de que todos se sentem abertos ao Ecumenismo e são favoráveis ao diálogo ecumênico e inter-religioso. No entanto, sempre consideram que não é urgente, nem o mais importante. Por isso, se costuma entregar a tarefas ecumênicas a algum protestante do grupo e, assim, se desincumbem do problema e podem se dedicar a coisas mais sérias.

No grupo Emaús, nunca senti isso. Quando se entrega a um dos irmãos evangélicos tarefas de caráter ecumênico (análises ou orações), é no espírito de aprender do outro e caminhar mais profundamente para a unidade.

Como todo grupo, o grupo de Emaús também viveu o seu tempo de crise. Em 1993, em um encontro com poucos sobreviventes, se chegou a considerar o grupo como encerrado. Alguém propôs conversar mais profundamente sobre isso em um próximo encontro. Então, propus que esse encontro especial e decisivo fosse no mosteiro de Goiás, por ocasião da celebração dos meus 50 anos de vida e 25 de ordenação presbiteral. O grupo aceitou. No entanto, como Goiás não é perto de onde a maioria do grupo mora, fiquei pensando que, nesse encontro, contaríamos com um número

mínimo de participantes. Ao contrário, nos dias 17, 18 e 19 de novembro de 1994, no mosteiro da Anunciação do Senhor, na Cidade de Goiás, se reuniram doze pessoas do grupo. E ali, em meio a celebrações com os vizinhos do mosteiro e pessoas que tinham vindo para a festa, compreendemos que o grupo tinha fundamental importância e não podíamos deixá-lo morrer. Decidimos então retomar a frequência de reuniões e o grupo se revitalizou. Adotamos o nome novo de “*grupo de Emaús*”. E até incorporamos pessoas novas. Desde então, o grupo tem mantido fielmente a sistematicidade de seus encontros e, nos últimos anos, tem aprofundado mais ainda essa dimensão de amizade e solidariedade comum.

Não falarei aqui de instituições e eventos que nasceram a partir do Emaús. Outros já falam disso, melhor do que eu. Antigamente as pessoas pertenciam cada uma a um grupo ou comunidade. Hoje, cada vez mais, vivemos uma espécie de múltipla pertença. Isso mexe com nossa identidade e não raramente dificulta o compromisso de totalidade. Em um grupo, somos professores, em outro, somos religiosos, em outro, somos militantes sociais e assim por diante. Muitas vezes, essa situação provoca certa relativização dos grupos todos. No Emaús, apesar de que todos nós somos pessoas ocupadas e comprometidas com diversas responsabilidades e tarefas, sinto que para todos/as, esse grupo, com nossos encontros e tudo o que significam, é opção profunda e prioritária. A pertença ao grupo de Emaús não entra em conflito com nenhuma outra pertença. Nunca pretendeu exclusividade. No entanto, cada um/a sente que, mesmo em função de outros engajamentos, o grupo de Emaús é prioritário

e participar dele ajuda cada um/a em seu caminho próprio. Mesmo se a frequência em reuniões varia de pessoa a pessoa, cada vez mais, o grupo se consolida. Além de dar força ao trabalho de cada um/a, revela uma comunidade de amigos e amigas que se querem bem e gostam de estar juntos.

Desde que começamos, sofremos a partida definitiva de alguns irmãos e irmãs do grupo. Nem seria capaz de elencar o nome de todos/todas. Deles, convivi mais de perto com o padre Orestes Stragliotto, o amigo Milton Schwantes, o mestre João Batista Libânio, que coordenava os nossos encontros, o irmão Antônio Cecchin, a saudosa Lucila Ramalho, o filósofo Olinto Pergoraro e, provavelmente, ainda esqueci alguém. É como se a comunidade fosse se ampliando entre os membros que estão no Céu e os que prosseguem a luta nessa Terra. Alguns anos antes de falecer, o irmão Roger Schutz, fundador da comunidade ecumênica de Taizé, escreveu em seu diário: *“Sonhei com o julgamento final. Diante do Senhor todos se apresentavam. E para a nossa comunidade, o Senhor falou a mesma palavra que, no evangelho, é dita aos que o acolhem na pessoa dos sofredores: Vinde benditos do meu Pai... (...) Mesmo sabendo que a nossa salvação é pura iniciativa do seu amor, ousei perguntar a Jesus o que ele mais teria amado em nossa comunidade. Ele me respondeu: O fato de vocês permanecerem juntos como parábola de um mundo reconciliado se constitui como esperança para muitos dos pequeninos que me procuram.”*

Hoje, Jesus pode dizer a mesma coisa não somente a comunidades conventuais ou de vida, mas a grupos de aliança fraterna, como é o nosso grupo de Emaús.



Marcelo Barros. Teólogo especializado em Bíblia (se chama biblista), do grupo fundador do CEBI, Centro Ecu-
mênico de Estudos Bíblicos. É um dos três latino-americanos membros da Comissão Teológica da Associação Ecu-
mênica dos Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT) que reúne teólogos da América Latina, África, Ásia e ainda minorias negras e indígenas da América do Norte.

Atualmente, é coordenador latino-americano dessa associação. Há anos, desenvolve uma pesquisa teológica sobre a relação do Cristianismo com as religiões negras e indígenas e, junto com mais dois teólogos, coordenou uma coleção sobre a Teologia do Pluralismo Religioso e um Cristianismo aberto a outras culturas e religiões. No âmbito da Teologia da Libertação, desenvolveu um ramo próprio: a “Teologia da Terra”. Assessora alguns movimentos sociais e as comunidades eclesiais de base. Foi professor de Sagrada Escritura (Antigo Testamento) do Seminário Teológico da Arquidiocese de Goiânia de 1979 a 1984 e professor de Liturgia no Curso de Especialização de Liturgia da Faculdade Nossa Senhora da Assunção em São Paulo de 1979 a 1987.

É professor convidado do CESEP (Centro Ecu-
mênico de Serviços à Evangelização e Pastoral) em São Paulo e de diversos organismos pastorais e ecumênicos em toda a América Latina. Recebeu da Assembleia Estadual de Pernambuco a medalha Paulo Freire de honra ao mérito em Educação, 2015.

Memorial Emaús

Olinto Pegoraro

Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain

Eu cheguei ao Emaús a convite e apresentação de Leonardo, que conheci em Louvain, no fim dos anos 60. O convite deve ter ocorrido entre 73 ou 74, durante um encontro na CNBB, na Glória, onde a entidade tinha sua sede.

Leonardo abriu-me um caminho de Luz naquele tempo de sombras, tédio e medo da “gloriosa”. Era a oportunidade de diálogo franco com um grupo fraterno onde todos eram ouvidos e, sobretudo, respeitados fossem quais fossem suas posições; tinha-se, portanto, certeza de não estar sendo espiado (o que acontecia nas salas de aula). A alma do Emaús sempre foi esta, até hoje, com a chegada de novos companheiros e companheiras.

ATUAÇÃO NO BOREL

Logo a seguir, em 1976, fui designado a atuar pastoralmente no morro do Borel (Tijuca). Tudo estava por ser feito: ação eclesial na capela e ação social junto à comunidade duplamente segregada, pela cor e pelas condições miseráveis de vida. Ali, entendi o que é segregação e marginalização. Na época, quase todas as casas eram de barro (estruque). Foram escolhidas duas vertentes de ação: educação e saúde. Procurei imprimir à minha ação o espírito das Comunidades Eclesiais de base, muito fortes na época, e praticadas, de várias maneiras, pelos colegas do Emaús. Tive forte colaboração do Deputado Chico Alencar, grande professor de História. Ele organizou um curso para formar eletricitistas com 20 jovens. Os cursos eram feitos na Capela onde no domingo celebrava-se a missa. Hoje conto também com o precioso apoio de Molon.

Quando olho pra trás, constato que, pelo menos, duas coisas eu acertei na minha trajetória existencial: a participação no imenso caldeirão da cultura universitária e a atuação na área social, o outro extremo, onde era visível a precariedade de habitação, educação e saúde. Senti o quanto era importante o tema da justiça e de igualdade social, temas recorrentes em meus livros.

Em 1984, apareceu a oportunidade de ir, por dois anos, a Washington, onde estudei teorias de justiça da Antiguidade até John Rawls, que era o grande nome no assunto. Ao voltar ao Brasil, não procurei as pessoas do Emaús. Num Congresso de Filosofia em Florianópolis, encontrei Manfredo, que me atualizou sobre o andamento do grupo e insistiu que eu retornasse. Devo muita gratidão ao Manfredo por isso: muito

grato, Manfredo.

O NOME EMAÚS

Não sei como e quando o grupo tomou o nome de Emaús. Nome que evoca, para mim, uma das mais belas passagens da Bíblia. Como aqueles decepcionados discípulos, também nós, humanos, andamos às apalpadelas à busca de um rumo para nossa história de vida. Os viajantes de Emaús caminhavam com o Mestre sem saber que era ele. Mas ele os conhecia e corrigia seus equivocados pensamentos até a pousada. Eis que, de repente, durante o jantar, caíram as trevas e seus olhos encheram-se da luz que não viram na viagem toda. Apareceu-lhes o sentido global da existência com Jesus ressuscitado.

Esta me parece a situação de todos nós, caminhantes na história. Caminhamos tateando, incertos apesar de tanta ciência acumulada na física, biologia, sociologia, filosofias e religiões. No entanto, muito mal “sabemos” “que a divindade não está longe de nós; nela temos a vida, o movimento e o ser” (At.17,27-28). Assim foi desde Homero, Platão, os estoicos e Paulo. Algo semelhante se passa nas reuniões de Petrópolis: balbuciamos entre nós sobre uma variedade de assuntos políticos e religiosos. Os encontros servem para encorajar-nos mutuamente na busca da luz e sentido para nossas vidas pessoais e a história humana. Neste sentido, nosso encontro de novembro último é muito ilustrativo. Estávamos sob o impacto das eleições. Quantas interpretações, algumas convergentes, e a maioria, assim pareceu-me, divergentes. No entanto, tudo se passou no maior respeito das diferentes posições. Enviamos até nos-

sos mensageiros à presidente Dilma com sugestões que nem todos assinamos.

Este é o Emaús do século XXI: as pessoas são diferentes, a história totalmente outra, mas permanece, fundamentalmente, a atitude de incerteza dos primitivos viajantes de Emaús. Este é o andar de nossas igrejas cristãs e não cristãs, dos movimentos em que militamos, cursos, assessorias e ações sociais.

MINHA ATUAÇÃO NO EMAÚS

Considero-me um participante assíduo de nossas jornadas. Nelas, senti-me mais à vontade nos debates político-sociais com os quais tenho mais afinidade. Quase todos os companheiros(as) têm parte ativa, criativa e inovadora em movimentos eclesiais: cursos para bispo; cursos bíblicos, cursos de verão, movimento catequético, fé e política, dos quais fiquei à margem, nunca por desconsiderá-los, mas porque minha atuação profissional se prende à ética, filosofia e não propriamente à teologia. Na verdade, atuei apenas uma vez na área eclesial, a convite de Pe. Oscar, num curso de ética para bispos. Eram quinze ou vinte. Foquei minha intervenção na ética contemporânea na qual a temporalidade (e não princípios imutáveis) é fundamental na avaliação dos comportamentos morais subjetivos, sociais e das ações científicas sobre os seres humanos (bioética). Tive o sentimento que vários dos ilustres participantes desconfiaram de um certo relativismo ético. Para todos os que estudamos filosofia e teologia clássicas é difícil incorporar princípios flexíveis e sujeitos às circunstâncias existenciais e temporais das pessoas e da política. Naquela oportunidade, entre os participantes estava Dom Tomás Balduino que, como

seu coirmão Tomás de Aquino, tinha enorme formação clássica e excelente informação sobre questões de ética contemporânea focadas a partir da mutabilidade dos fundamentos éticos. Mantive com Dom Balduino excelentes conversas que se prolongaram posteriormente por correspondência e dois encontros pessoais. Um especialmente memorável, que se passou na capela e anfiteatro da UERJ, onde Dom Balduino presidiu a “missa da terra sem males” com a participação de mais de 1500 estudantes, professores e funcionários.

UMA CRISE COM A BUROCRACIA CLERICAL

Não sei se cabe aqui o relato que vou fazer. Mas, como membro do grupo, vou fazê-lo sucintamente. Minha militância no Borel passou por algumas turbulências com a instituição eclesial. No tempo de Dom Eugenio Sales havia especial vigilância com “as cabeças quentes”, como ouvi no Palácio São Joaquim. Por exemplo, um excelente grupo de padres espanhóis foi defenestrado da Arquidiocese por divergências pastorais. Eu mesmo, por duas vezes, fui convidado, por escrito, a sair do Rio, visto que meus pensamentos não combinavam com os da Arquidiocese”. Minha correspondência epistolar foi muito quente com o Sr. Cardeal. Tive dois atritos graves. Em 68, por ocasião da “*Humanae Vitae*”, escrevi um artigo no JB no qual defendi uma interpretação elástica da Encíclica. Por exemplo, o casal que já tivesse vários filhos (como era, na época, regra comum), já tinha cumprido a determinação papal e poderia continuar limitando novos nascimentos. Isto me valeu um longo processo e infindáveis discussões éticas com bispos e teólogos oficiais. Mais pesado que este, foi outro episódio. Co-

nheci duas alunas universitárias, minhas amigas até hoje, que passaram a conviver. Convidaram-me para a festa comemorativa da união; a intenção era que eu fizesse ali um ato religioso. Foi uma linda celebração tendo como pano de fundo a Carta de Paulo – 1Cor.13. Consideraram-se casadas. Hoje são professoras universitárias que seguem felizes na vida. Estes episódios, muito graves para a época, renderam a minha “*suspensio a divinis*”, medida que não abrangia minhas atividades sociais no Borel. Isto me bastou. Hoje convivo com os padres que lá vão celebrar a liturgia e apoiam minha atividade social. Nunca recorri da suspensão pois sinto-me muito bem com a vivência cristã nas ações sociais mais que nas litúrgicas; como umas alimentam as outras, ambas são necessárias.

Como vocês todos, ouço, com alegria, que me arrostavam ao clericalismo, nosso supremo chefe, Papa Francisco dizer: “quem sou eu para julgar homossexuais que buscam Deus e respeitam o próximo?” Mais, Papa Francisco disse na Ásia: “para ser bom cristão não precisa multiplicar-se como coelhos”. Estes sinais apontam um caminho diferente da tradição burocrática, destituída de fundamento teológico, ético, e contra o processo histórico da humanidade que, desde sempre, conviveu com gays e limitação de natalidade.

Fiz estas breves narrativas pessoais para dizer a todos(as) que Emaús sempre me inspirou no sentido de aceitar desafios e enfrentar problemas novos com nova criatividade. Este é o espírito de Emaús e muitas de nossas comunidades católicas e evangélicas: viver uma fé criativa, histórica, evolutiva. Este me parece ser também o sentimento do Papa Francisco.

UMA SUGESTÃO

Termino com uma sugestão: vejo, com muita alegria, novos membros chegando ao Emaús, vindos de faixas etárias muito abaixo da minha. Sugiro que façamos um diálogo, uma “cosa nostra” entre gerações presentes no Emaús. Creio que as novas gerações pratiquem a fé por razões diferentes das minhas. Cada um de nós teve uma evolução pessoal no processo de crer no mesmo Cristo e na sua palavra. A troca dessas vivências diferentes, creio, enriquece a todos nós.



Olinto Pegoraro. (*in memoriam*) Possui graduação em Filosofia pelo Instituto Pio XII (1954), graduação em Filosofia pelo Instituto Pio XII (1954), mestrado em Filosofia pela Universidade de Santo Thomas (1963) e doutorado em Filosofia - Université Catholique de Louvain (1972). Foi professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Teve experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética, atuando principalmente nos seguintes temas: ética, bioética, história e pessoa. A partir de 2010, atuou como professor de filosofia no Programa inter-universitário de pós-graduação em Bioética e ética aplicada e saúde coletiva mantido pela UERJ-UFRJ-UFF-FIOCRUZ. Neste programa, ministrou um seminário semanal de ética, em nível de mestrado e doutorado. Responsável pela formação de gerações de filósofos na PUC-Rio, na UFRJ e na UERJ, onde atuava nos últimos anos. Faleceu em 26 de janeiro de 2019.

As mulheres e o Grupo de Emaús

Lúcia Ribeiro

Socióloga e consultora do Instituto de Estudos da Religião - ISER

O Grupo de Emaús foi fundado por um grupo de religiosos – entre os quais alguns sacerdotes – e, portanto, no início, a dimensão masculina era um dado evidente. Ao ganhar continuidade, foi convidada uma mulher, Zeca, que, por sua vez, sugeriu o nome de Ivone; esta, entretanto, não permaneceu por muito tempo. Zeca também, depois de alguns anos, deixou o grupo. As duas, na época, eram freiras, diferentemente das outras mulheres que depois foram se integrando ao grupo e que eram leigas, com diversas especializações profissionais. Entre estas, havia várias teólogas.

Entretanto, a maioria das mulheres, embora trazendo sua própria contribuição, vinha também na condição de cônjuge, acompanhando seus maridos (nesta

condição, conta-se que houve até o caso de uma que chegou a fazer tricô durante a reunião...). Já algumas teólogas, pelo contrário, começaram a trazer seus companheiros. Ou seja, desde o início, havia uma diversidade muito grande.

Por outro lado, a participação das evangélicas, que já havia começado com Lucília e Violaine, se aprofundou com a chegada das mais jovens, como Magali e Rosileny.

No meu caso, embora tendo sido convidada diversas vezes – já que a maioria dos participantes eram meus amigos e Luiz Alberto já fazia parte do grupo desde 1978 – recusei-me a entrar enquanto não pudessem apresentar uma contribuição pessoal. Isto aconteceu em 1987, quando estava trabalhando sobre o tema da sexualidade entre mulheres católicas, e Teresa e Maria Clara sugeriram de apresentarmos juntas algo sobre a questão. É claro que o fato de ser também companheira de Luiz Alberto ajudou a reforçar o convite. Senti-me plenamente aceita pelo grupo e várias vezes, em sua ausência, participei *all by myself*...

Hoje somos 15: Márcia, Andréa, Magali, Maria Helena, Mariângela, Maria Clara, Rosileny, Teíta e as outras duas Terezas (Sartorio e Cavalcanti), Rose, Romi, Leu, Violaine e eu.

É um grupo de mulheres bastante heterogêneo, dada a diversidade de situações de vida, opções profissionais e faixas etárias; naturalmente sua participação no debate e na reflexão intelectual do grupo maior também é diferenciada. Não se pode deixar de reconhecer, aliás, que estes se dão em um alto nível, dada a qualificação dos participantes, em alguns casos ex-

traordinária. E é claro que não se trata de cair em um igualitarismo simplificador...

É interessante observar, entretanto, que o nível do debate não impede um diálogo aberto e franco, disposto a acolher as diferenças e as contribuições específicas de cada um/a. Há um clima de confiança e de respeito às opiniões diversas que - ao contrário de ambientes acadêmicos mais formais e mais rigorosamente exigentes - permite que se possa falar livremente, sem medo de críticas.

A presença das mulheres pode ter incentivado o debate de temas existenciais - como sexualidade, homofobia, morte, envelhecimento ou a própria dimensão de gênero - assim como questões ligadas à comunicação. Lembro-me bem, por exemplo, de Magali fazendo uma bela apresentação da música "gospel", ou da análise sobre a IV Conferência Mundial das Mulheres, em Beijing/1995, da qual Zeca e eu tínhamos participado.

Há que lembrar também que o Grupo de Emaús não se reduz ao debate intelectual. Os momentos de convivência e de partilha - "Cosa nostra" - são fundamentais. E sobretudo a dimensão de oração e espiritualidade. Porque o grupo é, antes de mais nada, uma comunidade de discípulos e discípulas de Jesus; isto significa partilhar e crescer juntos na Fé - e não por acaso a Celebração, no domingo, é o ponto alto da reunião - e vivenciar, entre nós, o amor, como fraternidade e sororidade, "sin perder la ternura jamás..."

Um questionamento final. Será que as características do grupo - afinado com a Teologia da Libertação, cujos quadros continuam sendo majoritariamente mas-



culinos e em boa parte de presbíteros e pastores – não trazem em si, *malgré soi*, o reflexo de uma estrutura patriarcal que ainda predomina na instituição eclesial católica? Ou será que se pode interpretar tal reflexo apenas como o resquício de uma instituição em plena crise, enfrentando um processo de mudança, da qual o Grupo de Emaús poderia ser, talvez, por sua própria experiência inovadora, um dos pioneiros?



Lúcia Ribeiro. Socióloga, trabalhou como pesquisadora, nas áreas de saúde, sexualidade, reprodução, migrações e religião; atualmente, vem investigando o processo do envelhecer.

É consultora do Instituto de Estudos da Religião ISER/Assessoria, membro do Conselho Editorial do Boletim REDE e assessora de movimentos sociais. Tem 5 livros publicados, entre os quais *Masculino/Feminino: experiências vividas* (Record, 2007) em parceria com Leonardo Boff. Publicou também numerosos artigos.

Minha participação no grupo Emaús

Benedito Ferraro

Doutor em Teologia na Universidade Fribourg - Suíça, assessor da Comissão Arquidiocesana de Pastoral Operária e professor na Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Há sempre um contexto para se compreender a participação de uma pessoa em um grupo. O meu trabalho pastoral sempre esteve ligado às Comunidades Eclesiais de Base. Voltando dos meus estudos feitos na Universidade de Friburgo, Suíça, comecei o trabalho na periferia de Campinas, com as CEBs. Naquele momento, participava de um trabalho que se preocupava com a população pobre e excluída da periferia de Campinas. Este trabalho, a partir de 1975, esteve ligado à Comissão Arquidiocesana de Vilas Planejadas e alguns bairros loteados. Havia um Conselho Inter-Vilas que fazia o trabalho de coordenação dos trabalhos nas comunidades presentes nas Vilas Planejadas do BNH e em alguns bairros que eram chamados de “lotea-

dos”, fora dos perímetros das paróquias tradicionais. A partir de 1978, com o 3º Intereclesial das CEBs, em João Pessoa, essas comunidades assumiram a sua identidade de CEBs. Além do meu trabalho na Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, e na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, trabalhava na Comissão Arquidiocesana de Vilas Planejadas e alguns bairros loteados, ao mesmo tempo que fazia a coordenação e articulação dos trabalhos pastorais nas comunidades da periferia de Campinas e, aos poucos, assumia também a orientação para as comunidades de base presentes em algumas cidades da Arquidiocese de Campinas.

Em 1981, houve um remanejamento na organização da Igreja de Campinas com o processo de paróquialização das comunidades de base, que deveriam todas entrar como participantes de uma paróquia. Neste momento, foi criada a Comissão Arquidiocesana de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) com a incumbência de manter um trabalho de articulação entre elas. Fui durante muitos anos um dos coordenadores desta Comissão e, por causa desta atividade, assumi também a Equipe de Articulação das CEBs do Estado de São Paulo. A partir deste trabalho de articulação das CEBs do Estado de São Paulo, fui convidado a participar da Ampliada Nacional das CEBs, em 1996, a partir da preparação ao 9º Intereclesial das CEBs, em São Luis do Maranhão, realizado em 1997. É neste momento que começo a fazer parte do Grupo de Emaús, convidado pelo Beozzo.

Entro, portanto, a fazer parte do Grupo de Emaús, no 4º Período, que foi chamado de “Refundação do Grupo”, ente 1995 a 2015. Durante estes 18 anos (1996-

2014), sempre participei das reuniões e percebi, aos poucos, a importância deste grupo, quer em relação a uma intervenção qualificada na Igreja, quer também em relação às lutas sociais e políticas. Minha participação no Grupo Emaús se deu pelo fato de estar na Ampliada Nacional de CEBs. As análises e reflexões feitas pelo grupo colaboravam numa melhor intervenção nas reuniões da Ampliada Nacional das CEBs, como também as reflexões e atividades da Ampliada Nacional serviam também para se compreender a caminhada das CEBs nos diferentes Estados do Brasil. A presença dos companheiros e companheiras de caminhada sempre foi um incentivo a não perder as reuniões. As análises feitas, as reflexões sobre os mais variados temas, as orações e celebrações ajudaram a solidificar este grupo, que durante todos esses anos se manteve fundamentalmente o mesmo, com a “partida” de alguns companheiros queridos como o Orestes Stragliotto (há vários anos), Milton Shwantes e João Batista Libanio (recentemente) e com a inclusão de alguns novos participantes, que ajudaram a renovar e colocar sangue novo no grupo: Sérgio Coutinho, Afonso Murad, Edward Guimarães, Andrea Rodrigues Guimarães, Luiz Carlos Susin, Sinevaldo Tavares, Alessandro Molon, Francisco Aquino Júnior.

Dou graças a Deus por poder participar e desfrutar da amizade destes companheiros e companheiras de caminhada que, a partir de diferentes pontos de vista e competência (exegese, história, psicologia, teologia, ecologia, sociologia, pedagogia, filosofia, biologia, política, mística e espiritualidade...) colaboram para a construção de uma sociedade fraterna, solidária, democrática em vista de um *outro mundo possível e urgente* e também da construção de uma *Igreja Povo de Deus*



onde haja igualdade, fraternidade e sororidade entre todas as pessoas que dela participam.



Benedito Ferraro. Padre Benedito Ferraro nasceu em Valinhos, SP, no dia 05 de março de 1946, filho de José Ferraro e Maria Ana Tonete Ferraro. Fez o Curso primário na Escola Professor Francisco Alves Aranha, em Valinhos, de 1954 a 1957; ginásial no Seminário Imaculada de Campinas, de 1958 a 1964; Filosofia e Teologia no Seminário Central do Ipiranga, de 1965 a 1971. Licença de Filosofia em Mogi das Cruzes, na Faculdade de Ciências e Letras; Doutorado em Teologia na Universidade Fribourg, na Suíça, de 1971 a 1975.

Foi ordenado Presbítero no dia 15 de agosto de 1971, na Paróquia São Sebastião, em Valinhos, por Dom Antônio Maria Alves de Siqueira. Padre Ferraro foi Vigário Auxiliar da Paróquia Santo Cura D’Ars, Campinas de 1975 a 1978; Animador das Comunidades Eclesiais de Base na Região do Campo Grande, de 1978 a 1984; Coordenador da Comissão de Vilas Planejadas, de 1980 a 1985; Responsável da Equipe de Padres da Paróquia Jesus Cristo Libertador, Campinas, de 1984 a 1995; Diretor do Instituto de Pastoral, em Campinas, de 1976 a 1982.

Foi Vice-Diretor do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da PUC-Campinas, de 1995 a 1998; Auxiliar junto à Paróquia Sagrada Família de Campinas, de 1996 a 2002; Assessor da Pastoral Operária de Campinas, de 1998 a 2002; Assessor das Comunidades Eclesiais de Base do Estado de São Paulo, de 1986 a 2000; Membro do Conselho Fiscal do CESEP, de São



Paulo, de 1998 a 2002; Assessor da Ampliada Nacional das CEBs de 2001 a 2002.

Atualmente é Assessor da Comissão Arquidiocesana de Pastoral Operária e Professor na Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas.

Emaús: testemunho de uma peregrina

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Doutora em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma e Professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio

Conhecia o grupo de teólogos da libertação, que ainda não se chamava Emaús, por mensagem passada nos corredores teológicos, por fama comunitária e sobretudo por profunda admiração por alguns de seus componentes, notadamente João Batista Libanio e Leonardo Boff.

O primeiro foi meu professor desde 1976 na PUC-Rio. Enquanto ainda jovem aluna de graduação, convidou-me para escrever um livro em conjunto com ele. Foi uma experiência maravilhosa, de respeito de um maduro mestre por uma incipiente aluna, partilhando capítulos e escrita, crítica fraterna e estímulo sincero. Aprendi muitíssimo nessa experiência. Foi em boa parte responsável por meu doutorado na Gregoriana, em

Roma, conseguindo-me bolsa, recomendações e tudo mais que fosse necessário, sobretudo o impulso e a coragem.

Quanto ao segundo, conheci-o mais profundamente em 1985, quando de seu silêncio obsequioso. Telefonou-me inesperadamente para convidar-me a assumir suas aulas de Trindade em Petrópolis. Demorei um dia para assimilar o convite e lá fui. As aulas eram muito estimulantes com os jovens frades. Mas a “sobremesa” da experiência eram as conversas com Leonardo após as aulas e durante o almoço. Após isso, ficamos amigos e ele me convidou a escrever artigos, capítulos de livros e dicionários. Trata-se de um amigo jamais perdido e sempre reencontrado em várias circunstâncias da vida.

Assim, quando Libanio me fez o convite de participar do grupo, aceitei imediatamente. Senti-me absolutamente privilegiada, como uma peregrina no caminho de Emaús a quem repentinamente fosse descortinado o dom da vida em Cristo e no Espírito. Entrei no processo de iniciação à pertença e à participação naquele grupo com a certeza de que seria um motor importante de estímulo e confirmação em minha caminhada teológica. E assim tem sido desde então.

A estrutura das reuniões encantou-me desde o início. Associava-se a dimensão pessoal com a comunitária e a participação política. Era um projeto extremamente totalizante e integrador que entusiasmava muito a todos e todas que dele participavam. E eu, juntamente com outras, era das primeiras a serem convidadas a participar. Pois, como tudo na Igreja, o grupo era eminentemente masculino e, além disso, com raras exceções, clerical. Seus componentes eram em sua

grande maioria padres católicos.

Quando entrei, no entanto, fui muito bem recebida, assim como as outras que entraram juntamente comigo. E além disso havia já um espírito ecumênico de fato plantado no centro do grupo, com a presença querida de patriarcas como Jether Ramalho e Julio de Santa Ana. O grupo alargava suas fronteiras incluindo o outro gênero e a outra denominação.

A caminhada tem sido muito frutífera durante todos esses anos. Alguns momentos altos, outros altíssimos, outros mais conflitivos e difíceis, como aconteceu em todos os grupos. Houve um momento de dispersão onde chegamos a pensar que o grupo acabaria. Acontecia na Igreja o inverno eclesial. No mundo em geral, a queda das utopias havia enfraquecido os sonhos de muitos militantes. As orientações pastorais vindas de Roma transformavam o rosto dos episcopados mais progressistas, assim como tinham forte impacto sobre as Comunidades de Base.

Mas o Espírito que nos reunia era mais forte que o desânimo e o cansaço. E graças às lideranças mais fortes do grupo, este voltou a reunir-se, agora batizado e com caráter bem impresso em sua identidade: Grupo Emaús. Inspirados pelo Espírito do Ressuscitado, retomamos a caminhada e a partir daí o crescimento foi visível. Novas preocupações ocupavam a teologia e o pensamento cristão. E elas foram imediatamente incorporadas ao grupo que as abraçou com carinho e muito entusiasmo.

Essas novas temáticas marcaram de certa maneira para mim alguns momentos muito importantes do grupo. A primeira foi uma reunião sobre mística e

espiritualidade. A segunda foi uma reunião preparada pelas mulheres do grupo sobre Sexualidade. A terceira tem um tom mais pessoal e diz respeito mais diretamente a mim: foi o momento em que meu marido, Ekke, decidiu acompanhar-me nas reuniões, tendo essa decisão tido um reflexo extremamente positivo sobre nosso matrimônio de já 50 anos e diálogo, assim como algo muito positivo em sua vida hoje, aposentado de mais de 70 anos.

A EXPERIÊNCIA DO MISTÉRIO PARTILHADA EM COMUNHÃO

Não me recordo mais da data exata, nem da pessoa que sugeriu. Creio que foi lá pelo início dos anos 90, quando eu havia acabado de voltar do doutorado em Roma. O muro havia caído e no mesmo ano – 1989 – Lula havia perdido as eleições para Fernando Collor de Mello para a presidência do Brasil. Igualmente, no mesmo ano, Ignacio Ellacuria SJ e toda a comunidade da UCA de El Salvador havia sido barbaramente assassinada. Recebi a notícia pelo telefone, da boca de Leonardo Boff, perplexo e desolado. Aquilo marcou minha pesquisa e meus estudos até o dia de hoje.

A reunião foi um momento maravilhoso de partilha aberta, fraterna e transparente. E eu pela primeira vez me senti à vontade para partilhar um evento acontecido em minha infância que sempre havia calado nos meios eclesiais e teológicos pelos quais circulava: minha primeira comunhão aos 3 anos, acontecida de forma totalmente inesperada.

Narro-a aqui novamente para que os leitores possam entender melhor a experiência que vivi. Eram os

anos do pré-Concílio, com missa em latim, padre de costas voltada para a assembleia. Minha avó era muito católica, membro do apostolado da oração, e conseguia acompanhar a liturgia que se desenrolava meio à parte dos fiéis, em língua estranha, por um missal em francês, de Monsenhor Lefebvre, cheio de fitinhas coloridas que marcavam as diversas partes. Eu tinha um missalzinho de madrepérola e um terço idem. Com os dois, me entretinha durante a missa.

No domingo em que aconteceu o fato aqui narrado eu tinha três anos de idade e quem celebrava era o Monsenhor Rezende, um padre velhinho que raramente o fazia na linda capela de meu colégio, Nossa Senhora de Sion, onde ia à missa com vovó. Na hora da comunhão, eu a acompanhava até a mesa e ajoelhava-me ao lado dela, com as mãos por baixo da toalha do altar. Era proibidíssimo aos fiéis tocarem na hóstia, privilégio permitido apenas ao celebrante.

Naquele dia, porém, Monsenhor Rezende aproximou-se de mim e dispôs-se a dar-me a comunhão. Foi detido pelos protestos veementes de minha avó que lhe esclareceu que eu só tinha três anos e não estava em jejum (requerido desde a meia-noite, naquela época). Ele perguntou-lhe (e eu me lembro bem): “Então por que ela está aqui?” E minha avó respondeu: “Porque ela não fica sozinha no banco.” Ele então olhou bem para mim e disse: “Mas eu não posso negar a comunhão a esta criança.” E perguntou-me com muito carinho: “Minha filhinha, você quer receber Nosso Senhor?” Eu respondi com muita naturalidade e bem algo: “Quero.”

Ele voltou-se para a assembleia e, apesar de minha pouca idade, lembro-me ainda do seu tom de voz mudado, mais solene: “Então, sob a minha responsabili-

dade, eu vou dar a comunhão a esta criança.” E foi o que fez. Minha avó chorava e eu estava feliz da vida. Fomos depois à sacristia, ele me fez perguntas e eu respondi a todas com precisão, já que vovó me ensinava desde sempre o catecismo e a doutrina. Depois dali minha vida seguiu em frente. Continuei sempre católica, fazendo minha trajetória dentro da Igreja e o estudo da teologia posteriormente foi fruto de toda essa caminhada de vida. Mas esse episódio da minha infância sem dúvida que me marcou talvez até a nível inconsciente e influenciou muito do que eu fui e sou.

Jamais havia partilhado isso com ninguém a não ser minha família. Meu pai não havia reagido muito bem ao caso, achava que era muito cedo para introduzir uma criança nessas coisas etc. Não me sentia à vontade para partilhá-lo. Ali, naquela reunião de Emaús, eu o fiz pela primeira vez. Senti-me movida a isso. E me senti absolutamente acolhida. Lembro-me da exclamação de Leonardo quando relatei a atitude do padre: “Mas que homem sábio, meu Deus!” E do comentário de Betto posteriormente, em particular: “Puxa, como Deus foi generoso com você!” E do olhar fraterno-paternal de Libanio, que depois me deu um silencioso abraço, cheio de afeto e cumplicidade.

Aquela partilha, na qual pude igualmente ouvir os testemunhos belos e comovedores de meus irmãos e irmãs, representou para mim um salto qualitativo na pertença ao grupo. Senti definitivamente que estava unida a ele por laços mais fortes que a carne e o sangue e que o Senhor estava no meio de nós. Os teólogos da libertação, acusados por tantos de serem marxistas, comunistas, gente sem fé que punha a fé alheia em perigo eram, pelo contrário, pessoas de Deus, movidas

e sintonizadas com e por Seu Espírito. A justiça que buscávamos todos, a libertação pela qual ansiávamos era desejo de Deus plantado em nós, condição sine qua non para construir Seu Reino.

A SEXUALIDADE COMO PARTE INTEGRANTE DO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO

O tema da mulher, do gênero, da diversidade sexual estava tomando cada vez mais força na teologia. A teologia da mulher, na América Latina, ao contrário da América do Norte, havia começado dentro da Teologia da Libertação, que sempre foi seu berço. Os primeiros encontros de mulheres teólogas haviam tomado lugar em Buenos Aires, Rio de Janeiro, Oaxtepec, México etc.

Foi aí que o grupo pediu a nós, mulheres, que preparássemos uma reunião temática sobre a sexualidade, trazendo dados da Bíblia, das ciências sociais, da teologia e de onde mais nos parecesse. Éramos responsáveis por preparar, apresentar e conduzir a reunião.

Acho que nos desincumbimos bem da tarefa, que foi assumida com dedicação e carinho. Assim também a resposta que tivemos dos companheiros homens no grupo foi excelente, oferecendo-nos novas ideias, novas motivações e inspirações para continuar pesquisando sobre aquele tema.

Apareceu claramente nesta reunião que a Igreja da libertação, que havia assumido muito claramente a questão dos pobres, não havia feito o mesmo com a questão do gênero, que era tão importante quanto a primeira. E, eclesialmente, talvez fosse até mais importante, uma vez que a Igreja – e muito concretamente

as Comunidades Eclesiais de Base – são compostas em sua maioria por mulheres. Houve, portanto, uma tomada de consciência da necessidade de ser mais inclusivos quanto à presença e à contribuição das mulheres.

A questão da homossexualidade e da diversidade sexual ainda não havia aparecido tão claramente nesta reunião. Posteriormente, no entanto, começou a emergir com muita força e foi incorporada como tema de reunião mais de uma vez. O grupo levou a sério, a partir daquela nossa reunião em que, segundo Libanio, havíamos “mapeado” a sexualidade de maneira quase “exaustiva”, o compromisso de tratar a mesma como uma questão séria, em que uma reflexão libertadora se faz mais do que necessária, mas mesmo urgente.

A presença de novos integrantes protestantes no grupo, além de outras mulheres e pessoas mais jovens, certamente iria ocasionar um crescimento importante neste sentido.

UM HOMEM JUSTO CHAMADO EKKE

Ekke e eu somos casados há 50 anos. Ele argentino e alemão e eu brasileira. Desde o começo do namoro a questão da fé foi elemento integrante de nossa união, matéria prima do matrimônio que nos demos mutuamente como sacramento dentro da Igreja Católica.

Em casa, o debate teológico e ideológico sempre foi acirrado. Ele trabalhava para empresas grandes, em posições de chefia, e tinha muita dificuldade de entender minhas opções na teologia, assim como a teologia que eu procurava fazer. Nosso estilo de vida chegou a criar um certo conflito para mim em várias ocasiões. Porém, sempre conseguimos dialogar e chegar a

pontos de convergência que fizeram que nossa família crescesse solidamente e se consolidasse.

Em 1996 ele saiu da última empresa em que trabalhou e tentou abrir um negócio próprio. Não deu certo. E recebeu então a proposta de assumir a diretoria para a América Latina de uma Fundação Holandesa que apoiava projetos de Igreja Católica. Aquilo mudou sua vida, sua visão de mundo e seu estilo de viver a fé cristã. Visitar os lugares mais pobres do continente e ver o que as pessoas eram capazes de fazer com U\$ 1000, quando nas empresas em que trabalhou era sempre questão de milhões, bilhões, marcou-o profundamente.

Além disso, pôde constatar a beleza do rosto missionário da Igreja, encarnado sobretudo nas mulheres que, religiosas ou leigas, estavam onde ninguém queria estar e iam aonde ninguém se atrevia a ir. Após 11 anos de trabalho, ele se aposentou em 2009. A partir daí, continuou apoiando pessoalmente com sua presença e experiência dois dos projetos que começara na Fundação: as comunidades terapêuticas para dependentes químicos e a causa dos migrantes.

Foi então que me pediu para ir ao grupo de Emaús. E eu concordei com grande alegria. Como disse Betto, grande amigo nosso, no momento de sua aposentadoria: “Tive sorte. Conheci Ekke quando já era amigo do povo e não quando ainda trabalhava como empresário.” Esse novo Ekke participa hoje intensamente das reuniões de Emaús e isso certamente aprofundou ainda mais o amor que nós temos um pelo outro e nosso projeto de vida.

CONCLUSÃO

Houve momentos nestes últimos anos em que tive que faltar a várias reuniões do grupo. A vida acadêmica exigia muitas viagens, sobretudo internacionais, que me levaram para fora do país constantemente. E muitas vezes isso coincidia com as reuniões. Mas jamais me desliguei do grupo e sobretudo do espírito (Espírito) que nos une. E é impelida e movida por esse Espírito que dou conferências, faço pesquisas e ministro cursos não só na PUC-Rio, meu trabalho fixo, mas também em universidades europeias e sobretudo norte-americanas. Em 2017, foi publicado em inglês um pequeno livrinho sobre as características da Teologia latino-americana, fruto de cinco conferências que dei em Boston no início de 2015. Em 2016 passei um período sabático em Notre Dame University, com o projeto de escrever um livro junto com um colega, teólogo latino colombiano-americano sobre a sede de Deus na teologia latina dos EUA e na teologia latino-americana. O livro está nesse momento quase finalizado e esperamos em breve enviá-lo à editora.

É o projeto da Igreja dos pobres que sempre me norteia, agora nos tempos luminosos do Papa Francisco, que traz de volta as belas intuições do Concílio Vaticano II, assim como a centralidade da opção pelos pobres como tema e como método da teologia. E nessas andanças teológicas, o grupo Emaús está sempre presente, como referência, como apoio, como lugar de pertença. Libanio, tão querido e tão apaixonado pelo grupo, seguramente nos olha com carinho protetor desde a eternidade.



Maria Clara Bingemer. Graduada em Comunicação Social (1975), também possui graduação e mestrado em Teologia pela PUC-Rio, doutorado em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989). Professora titular no Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Durante dez anos dirigiu o Centro Loyola de Fé e Cultura da mesma Universidade. Durante quatro anos foi avaliadora de programas de pós-graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Durante seis anos foi decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Deus, alteridade, mulher, violência e espiritualidade.

Atualmente tem pesquisado o pensamento e os escritos de místicos contemporâneos e a interface entre Teologia e Literatura.

Emaús: um depoimento

Tereza Pompéia Cavalcanti

Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro e membro do
Centro de Estudos Bíblicos

Entrei para o grupo de Emaús a partir de um convite da Zeca, por volta de 1985. Na realidade, eu já conhecia a maioria dos membros do grupo e me identificava com cada um e cada uma (naquela época, apenas Zeca, Ivone Gebara e Maria Clara eram as mulheres presentes no grupo que eu conhecia previamente). Sempre me senti muito bem acolhida por tod@s e sempre aprendi enormemente a cada reunião. Por meio dessa gente determinada e criativa pude tomar contato com o CESEP, os Intereclesiais, Cursos de Verão, CEHILA, ASETT, CEBI, CEDI, CIMI, CPT, Cursos dos Bispos e tantas outras atividades e entidades que seria difícil enumerar.

A imagem que me vem de Emaús é a da satisfa-

ção do nosso Pai lá de cima, olhando para esse grupo e comentando com sua Comunidade (o Filho e a Ruah):

Vejam que danadinhos aqueles meus filhos e filhas, nossas testemunhas na realidade confusa e desafiadora da América Latina! Quantas coisas eles bolaram e empreenderam nas Igrejas, às vezes infernizando (epa! melhor dizer azucrinando) as cabeças das autoridades eclesiais, civis e militares... Mas dando ao povo mais simples, pobre e discriminado uma consciência, uma esperança e uma voz: porque afinal, não sou Eu que quero que a vida seja o que estão fazendo dela os grandes e os omissos naquelas terras! O meu projeto - meu Reino - os pequenos estão descobrindo e participando em sua construção. Aquele tal de grupo Emaús está mostrando que, como diz o salmista (meu intérprete): O plano de Javé permanece para sempre os projetos de seu coração, de geração em geração. (Sl 33, 11)

O grupo de Emaús me leva a retomar o texto que inspirou o seu nome (Lc 24, 13-35). Tem algo de intrigante no uso das palavras quando o evangelho de Lucas começa a falar da ressurreição. Na realidade, começa no final do capítulo 23, quando entram em cena as mulheres que voltam do túmulo de Jesus (vers. 55), e vai até o final do evangelho (Lc 24,53). Nesse trecho do livro (Lc 23,55 - 24,53), onde se trata de transmitir a descoberta da ressurreição de Jesus e o sentido de sua morte, pode-se observar a concentração de dois tipos de formas verbais ou expressões de linguagem.

Primeiro, as que indicam **movimento/deslocamento** das pessoas (ir, voltar, andar, caminhar, aproximar-se, sair, entrar, chegar, levantar, sentar, caminho etc.): somam 33 ocorrências.

Segundo, os termos que indicam **fala/palavra/**

expressão/comunicação (falar, conversar, dizer, perguntar, responder, contar, explicar, discutir, bendizer, anunciar etc.). Chegam a 36 casos num total de 55 versículos.

Esta observação me faz pensar na importância do **movimento** e da **palavra** quando se trata de descobrir a boa nova que, na realidade, já está presente no meio de nós, em forma de semente, e que queremos ajudar a desabrochar. Na verdade, o que temos feito durante esses 40 anos de existência do grupo é um vai-e-vem de viagens e contatos, desde os “porões da humanidade” até as altas esferas nacionais e internacionais! Nessas idas e vindas, abrimos um arco privilegiado de relações afetivas, intelectuais e espirituais. Fizemos da Palavra um meio de comunicação, exortação, memória, profecia e aprendizado da sabedoria.

Acho que deixamos traços bonitos. Como o casal de Emaús, andamos às cegas e voltamos às claras, insistimos para que o Mestre fique conosco, partilhámos o pão da fé e da amizade, fizemos discípulos e discípulas, testemunhamos a cruz e a ressurreição. Com Paulo, podemos dizer que a graça de Deus em nós não ficou estéril, ao contrário, deu frutos abundantes (cf. 1Cor 15,10).

Que a Trindade – “a melhor comunidade” – nos abençoe e nos envolva em seu Amor, e faça continuar frutificando nossos esforços junto aos mais humildes e às mais abandonadas.



Tereza Pompéia Cavalcanti. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1966), graduação em Sciences Religieuses - Université Catholique de Louvain (1971), graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1991).

Atualmente é membro do Centro de Estudos Bíblicos e assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Pastoral, atuando principalmente nos seguintes temas: pastoral popular, bíblia, espiritualidade, mulher e comunidades eclesiais de base.

Organizadores



Edward Guimarães. Doutor em Ciências da Religião pela PUC Minas e mestre em Teologia pela FAJE. Licenciatura em Filosofia pela PUC Minas (2020), bacharel em Teologia (1996) e Filosofia (1992) pela FAJE. É professor do Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da evangelização. É membro da atual diretoria da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER).



Lúcia Ribeiro. Socióloga, trabalhou como pesquisadora, nas áreas de saúde, sexualidade, reprodução, migrações e religião; atualmente, vem investigando o processo do envelhecer. É consultora do ISER/Assessoria, membro do Conselho Editorial do Boletim REDE e assessora de movimentos sociais. Tem 5 livros publicados, entre os quais Masculino/Feminino: experiências vividas (2007) em parceria com Leonardo Boff. Publicou também numerosos artigos.



Tereza Pompéia Cavalcanti. Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1966), graduação em Sciences Religieuses - Université Catholique de Louvain (1971), graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2003), mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983) e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1991). Atualmente é membro do Centro de Estudos Bíblicos e assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Pastoral, atuando principalmente nos seguintes temas: pastoral popular, bíblia, espiritualidade, mulher e comunidades eclesiais de base.



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos



- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadiu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadiu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzós – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Vigida: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati
- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey



- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias

 UNISINOS